Acervo ISA
Instituto Socioambiental

fonte: DOU class CWD00012
data: 11-01-95 pg 543 Sec 1

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 89, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1994

Assunto: Processo nº FUNAI/BSB/2817/94. Referência: Terra Indígena KAPINAWÁ. Interessado: Grupo Indígena Kapinawá. EMENTA: Aprova o relatório de delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 22, de 04 de fevereiro de 1991.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2817/94, e considerando o Parecer nº 18/CEA/93, de autoria da Antropóloga Helen da Costa Pimenta Guimarães , que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, DECIDE:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado Parecer para afinal, reconhecer os estudos e adequações à delimitação da Terra Indígena KAPINAWÁ,de ocupação do respectivo grupo tribal Kapinawá com a superfície e perímetro aprovados de 12.260 ha e 58 km respectivamente, localizada no Município de Buique, Estado de Pernambuco.

2. Determinar a publicação no DOU do Parecer Memorial Descritivo e Despacho, na conformidade do Art. 29, § 7º do Decreto nº 22/91.

3. Encaminhar o respectivo processo de demarcação ao Ministério da Justiça, acompanhado da Minuta de Portaria Declaratória, para a aprovação.

DINARTE NOBRE DE MADEIRO

PARECER Nº 18, DE 28 DE JULHO DE 1993

Processo FUNAI/BSB/497/82 - Denominação: Área Indígena Kapinawá. Grupo: Kapinawá (Prakiós/Paratiós). Tronco: desconhecido. Língua: desconhecida. População: 500 habitantes aproximadamente. Localização: Município de Buíque. Estado: Pernambuco. Superfície: 12.260 ha aproximados. Perímetro: 58 km aproximados.

I - HISTÓRICO

Considerando o levantamento histórico da região de Buíque, descobrimos que o povo da aldeia dos Macacos, hoje usando o etnômio Kapinawá, é, na verdade, descendente dos índios Paratiós ou Prakiós assinalados no mapa etno-histórico de Kurt Nimuendajú, pertencendo à área hoje reivindicada pelos Kapinawá.

Os povos indígenas do Nordeste hoje, e não somente os Kapinawá, são remanescentes de aldeamentos implantados por ordens missionárias católicas ao longo dos séculos XVII e XVIII. No decorrer do século XIX, foram sendo transferidos para a administração das diretorias de índios. Muitas destas terras foram destinadas e regularizadas nos períodos colonial e imperial. A partir das documentações referentes a estas missões e aldeamentos, torna-se mais simples cumprir a tarefa de recuperar a história destes povos e,especificamente,do caso Kapinawá. Esta via de trabalho foi seguida pelo antropólogo José Augusto Sampaio que estuda o grupo e foi por nós consultado.

Documentos publicados pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro referentes ao século XVIII, informam que a aldeia dos Macacos era formada por índios Paratiós e falam da população e de seu missionário, clérigo de São Pedro. O Frei Vital de Frescarolo relata o realdeamento, feito pelo próprio Frei, de índios de 4 etnias (1800) que se encontravam dispersos pelas caatingas da Serra Negra e que foram reunidas, por ele, na localidade da Gameleira. A localidade da Gameleira é a atual Vila de Moxotó, imediatamente ao sul da área Kapinawá, justamente o ponto onde começa a descrição dos limites do documento, presumidamente transcrito de um original de 1874 que doava, por parte de D. Pedro II, a área ao povo dos Macacos.

Outros documentos disponíveis são: os Anais Pernambucanos (Vol V de 1953), Cadernos do CONDEP e os livros: Memórias da Província de Pernambuco, de José Bernardo Gama; Apontamentos para o Dicionário Geográphico do Brasil (1894) de Alfredo Moreira Pinto e Dicionário Geográfico de Pernambuco (1908) de Sebastião Galvão, que falam dos Paratiós ou do aldeamento dos Macacos.

Os atuais Kapinawá não se recordam da designação Paratiós, apesar dos Xucuru, pelos menos até 1951, se referirem a eles como tal. Os informantes de Hohental traduziram as expressões Paratiós ou Prakiós, somente usada por terceiros, como "índios pretos" ou "índios macunha", o que denota um franco caráter pejorativo. Não é possível então, estranhar o fato de os Kapinawá não se recordarem ou se recusarem a admitir terem sido assim chamados.

O nome Kapinawá foi adotado pelo grupo durante seu processo de reorganização política e de resistência à grilagem de suas terras, no final dos anos 70. Esta prática de "recriar" designações, tornou-se freqüente entre os povos indígenas do Nordeste, feita através de vários processos, um dos quais seria a consulta ao "encantados" durante o ritual do Toré, caso, pelo menos, dos Kapinawá, Kambiwá, Tuxá e Pankararé.

Importante salientar que os Kapinawá sempre tiveram conhecimento dos limites de sua área, consciência e uso de seu território, mesmo que parte dele já lhes tenha sido subtraído nestes últimos 100 anos. As informações sobre as ascendências e genealogias das famílias hoje na área conferem com os nomes dos agraciados pela doação do suposto documento de 1874.

II - SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

A socióloga Dolores Cornélia Pierson deslocou-se até o Município de Buíque, em atenção à Portaria nº 673 em 5.2.80. Comunicou-nos sobre o primeiro contato entre o grupo e a FUNAI em 23.01.80, relatando um grupo de 40 famílias, composto de aproximadamente 500 pessoas, que habitavam uma área de 152 léguas.

O relatório seguinte foi feito por Diana Cléa Garcia da Motta e Lúcia Helena Soares de Mello em 11.02.82. Após este trabalho, permanecendo as dúvidas sobre a identidade do grupo, a FUNAI requereu da antropóloga Maria Rosário Carvalho novo parecer para embasar a criação do PI Kapinawá em 1982. Finalmente, o GT 1647/E de 5.6.84, coordenado por Cláudio Luiz Ferreira Sant'Ana, identificou a área atual.

Acervo ISA
Instituto Socioambiental
fonte: DOU class CWD
data: 11-01-95 pg 543-544 - Sec 1

O levantamento fundiário cadastrou 124 famílias de posseiros, à época sem títulos de propriedade. Informações atuais reduzem esse número, pois esse teria sido alcançado devido a rivalidades durante o período em que o grupo ainda se organizava, não tendo ainda uma unidade.

III - CONCLUSÃO

Durante os anos, os Kapinawá se viram obrigados a escamotear sua identidade, "embranquecendo-se" ou "abrasileirando-se" para evitar perseguições e preconceitos. Mas, durante este processo, nunca deixaram de se reconhecer como "outro" e de serem vistos como tal. Somente isto bastaria para que abalisassem nossas conclusões os maiores teóricos da antropologia do Brasil. Mas, além disso, a identidade do grupo ficou esclarecida depois dos levantamentos documentais sobre a região. Depois de anos, empobrecendo, mas mantendo a maior parte de seu território, foram compelidos, pelos processos de grilagem, a se unirem e reafirmarem sua identidade frente a sociedade nacional, com o fim de manterem o mínimo de seus direitos. Esses processos de emergência étnica no Nordeste devem contar com o isento apoio dos antropólogos, pesquisadores e da FUNAI, para que não acabem no completo extermínio de todos os povos indígenas remanescentes do processo de colonização.

Pelo exposto, proponho que a CEA, Comissão Especial de Análise, aguarde a anuência do grupo indígena e o resultado do levantamento fundiário, por nós agora solicitado, para posterior publicação no D.O.U. deste parecer e de seu encaminhamento ao Ministro de Estado da Justiça, objetivando a declaração de posse permanente indígena, para efeito de demarcação, da Terra Indígena Kapinawá com 12.260 ha aproximados de superfície e 58 km aproximados de perímetro.

HELEN DA COSTA PIMENTA GUIMARÃES

DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF
DEPARTAMENTO DE DEMARCAÇÃO - DEM

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO
TERRA INDÍGENA KAPINAWÁ

GRUPO INDÍGENA
KAPINAWÁ

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: Buique ESTADO: Pernambuco
UNIDADE REGIONAL: Administração Regional de Garanhus

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	08°34'17"S	37°23'02"WGr.
LESTE	08°38'17"S	37°15'10"WGr.
SUL	08°40'23"S	37°18'08"WGr.
OESTE	08°36'23"S	37°27'43"WGr.

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
SC 24-E-IV BUIQUE	1:100.000	SUDENE	1969

DIMENSÕES

ÁREA: 12.260 ha aproximadamente
PERÍMETRO: 58 km aproximadamente

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

NORTE: Partindo do ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 08° 34'55"S e 37°25'34"W, situado na confluência do Riacho do Piorê com o riacho do Catimbau, segue pela margem esquerda deste e no sentido montante até encontrar o ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 08°35'43"S e 37°18'05"W na confluência do Riacho do Catimbau com o Riacho Coqueirinho; daí, segue pela margem esquerda deste no sentido montante até encontrar o ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 08°36'03"S e 37°17'10"W na confluência do Riacho do Brejinho com o Riacho Coqueirinho.

LESTE: Do ponto 03 segue pela margem esquerda do Riacho Coqueirinho no sentido montante até encontrar o ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 08°38'17"S e 37°15'10"W, situado na nascente do mesmo; daí, segue por uma linha reta e seca até encontrar o ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 08°39'07"S e 37°15'29"W, situado no extremo Leste da Serra do Pinga.

SUL: Do ponto 05 segue com vários rumos sempre acompanhando o divisor de águas da Serra do Pinga até encontrar o ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 08°40'23"S e 37°18'08"W, situado no local conhecido como Ponta da Furua no extremo oeste da Serra do Pinga; daí, segue por uma linha reta até encontrar o ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 08°39'40"S e 37°19'17"W na confluência de um riacho sem denominação com o Riacho do Macaco; daí, segue pela margem direita deste e no sentido jusante até encontrar o ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 08°36'23"S e 37°27'43"W, situado na desembocadura deste rio com a Lagoa do Quiriri.

OESTE: Do ponto 08 segue pela margem da Lagoa do Quiriri até encontrar o ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 08°36'13"S e 37° 27' 24"W, situado na desembocadura do Riacho do Piorê nesta Lagoa; daí, segue pela margem esquerda do Riacho do Piorê no sentido montante até encontrar o ponto 01 marco inicial da presente descrição perimétrica. Responsável Técnico. MANOEL BARBOSA FILHO - CREA 19.079/D.